



Em seu primeiro romance, Noemi Jaffe narra experiências de sobrevivente da Revolução Húngara na São Paulo do fim dos anos 1950

A ESCAVADORA DE SIGNIFICADOS

HELDER FERREIRA

Professora de português, inglês e escrita criativa, tradutora, crítica literária e escritora. Desde os 17 anos de idade, Noemi Jaffe faz das palavras seu ganha-pão; aos 53, ela lança seu primeiro romance – que é também seu sétimo livro publicado –, *Írisz: as orquídeas*.

A decisão de se aventurar em um novo gênero surgiu da vontade de uma mudança, uma vez que ela – que já publicou poesia (*Todas as coisas pequenas*), contos (*A verdadeira história do alfabeto*) e ensaios (*O que os cegos estão sonhando*) – ainda não havia tido a chance de construir personagens para narrativas extensas. “Queria encarar esse desafio de construir a vida de uma personagem – uma pessoa que tivesse complexidade, individualidade, particularidade; que pudesse ter um rosto, uma

personalidade”, relata ela, na sala de estar de sua casa, em São Paulo.

Assim, nasceu *Írisz*, a botânica húngara que, fugindo da invasão soviética a seu país em 1956, vem ao Brasil estudar orquídeas no Jardim Botânico de São Paulo com a finalidade de replantá-las em Budapeste.

A decisão de escrever sobre uma imigrante se baseou no fascínio de Noemi pela história e cultura da Hungria – especialmente pelo idioma, uma língua que não guarda parentesco com a maior parte das línguas europeias. “Como minha mãe nasceu na fronteira entre a Sérvia e a Hungria, ela fala os dois idiomas, por isso essa língua misteriosa sempre me encantou”, conta. “Além disso, havia a vontade de escrever sobre a revolução húngara – uma revolução fracassada, mas muito bonita.”

A língua é um tema recorrente na obra da escritora – o título de *O que os cegos estão sonhando*, por exemplo, advém de uma dificuldade de sua mãe, Lili Jaffe, de conjugar o presente em português. Ao longo do romance, há diversos comentários de Írisz a respeito da total disparidade entre as línguas portuguesa e húngara, sobre a descoberta de novas palavras ou a ausência de vocabulário para expressar o que era tão fácil dizer na língua materna. “Tenho muito fascínio pela etimologia, por descobrir relações íntimas entre as palavras, entre palavras de línguas diferentes. É um tipo de arqueologia dos significados perdidos. Me interessa escavar na palavra um significado que um dia ela teve mas não tem mais”, explica Noemi.

Já a escolha da profissão da personagem foi, de início, casual: estimulada por uma admiração pelo ofício (o qual ela confessa que gostaria de exercer, caso não fosse escritora) e pelo ímpeto em criar uma personagem diferente de si, Noemi decidiu atribuir a Írisz a especialidade no cultivo de plantas. “Tenho muita admiração por quem consegue fazer uma planta crescer; acho tão ou mais interessante que fazer um livro”, afirma a autora. Depois, quando já se debruçava numa pesquisa a respeito do tema, aprendeu que uma das principais características das orquídeas era semelhante a um importante traço de sua protagonista: a capacidade de criar raízes fora da terra.

O problema é que as raízes aéreas de Írisz são como membros-fantasmas que, mesmo depois de amputados, continuam perceptíveis. A botânica se encontra num estado de impermanência, perdida entre o presente numa cidade estrangeira e o passado em Budapeste, a cidade natal onde deixara uma mãe senil, um pai ausente, um relacionamento mal resolvido e uma revolução malsucedida pela qual havia lutado. Paralelamente, há o ponto de vista de Martim, o diretor do Jardim Botânico e membro do Partido Comunista brasileiro que cai numa espiral de questionamentos após o sumiço da imigrante húngara: estaria ele apaixonado por ela? A utopia comunista teria se perdido em burocracia e totalitarismo ao ser posta em prática?

Além dos dois personagens, a trama é permeada pelos comentários de uma terceira voz, que aparece em capítulos esteticamente destacados do livro. A autora explica: “É uma espécie de coro grego que não se relaciona diretamente com os acontecimentos; uma consciência desencantada, digamos assim”. Os textos que ora assumem um tom de relatório, ora parecem pender para o ensaístico, tratam de assuntos como as dificuldades de comunicação de um estrangeiro e a influência do movimento de revolução da Lua no humor das massas.

A abundância de informações presente no romance demandou da autora uma extensa pesquisa de campo. Para criar as descrições de orquídeas escritas por Írisz, Noemi leu livros e revistas de botânica, visitou orquidários e falou com especialistas. Para entender o funcionamento e a história do Partido Comunista Brasileiro, conversou com o jornalista Armênio Guedes, que assessorou Luís Carlos Prestes, o secretário-geral do Partidão. Para dar verossimilhança aos relatos da protagonista sobre o centro paulistano no início dos anos 1960, ela pesquisou documentos históricos, mas também exercitou a memória: “Lembrei de várias coisas que vivi durante a minha infância: o Mappin, as propagandas de cigarro, as chamadas das lojas de roupa”.

Já para exprimir no texto a esperança de fazer parte de uma revolução espontânea e os dissabores de vê-la fracassar pouco tempo depois, ela

contou com a ajuda da física e professora aposentada da Universidade de São Paulo Alinka Lépine-Szily, que, aos 14 anos de idade, participou da revolta popular – que durou menos de vinte dias – contra as políticas impostas à Hungria pela União Soviética. Muitas das memórias de Írisz foram inspiradas nas de Alinka. “Foi ela que se arrastou pela fronteira da Hungria com a Áustria para poder escapar da vigilância dos soldados; que subornou um soldado da fronteira austríaca com aguardente; que foi com a mãe ajudar a destruir a estátua do Stalin”, recorda a autora.

Não que Noemi não saiba por si mesma o que é ver uma flor nascer no asfalto e murchar logo em seguida. Tendo participado ativamente dos protestos de junho de 2013, ela se diz decepcionada com o resultado (ou a falta dele) das manifestações. “Fiquei muito envolvida achando que aquilo teria consequências positivas, mas elas estão muito pulverizadas, não são perceptíveis. As mais visíveis que consigo perceber são essas manifestações de 2015 que são o oposto daquilo que aconteceu em 2013, então para mim foi uma decepção”, lamenta. “Eu não acredito mais em revoluções e não acho ruim que elas não possam mais acontecer. Creio que agora haja outras formas de construir coisas em que acreditamos, só que por caminhos mais independentes e menores, como nesses coletivos.”



ÍRISZ: AS ORQUÍDEAS

NOEMI JAFFE
Companhia das Letras
R\$39,90 • 224 págs.